

Registro Urbano Audiovisual – R.U.A

Área Temática de Comunicação

Resumo

O Registro Urbano Audiovisual é um projeto do Centro Cultural UFMG que visa refletir sobre as formas de percepção e representação da cidade, através da produção de imagens em vários formatos. O projeto tem como objetivo a pesquisa sobre a linguagem audiovisual e suas possibilidades de representação da realidade urbana. O resultado é a produção de vídeos elaborados pelo núcleo permanente do projeto. O R.U.A também pretende elaborar vídeos que têm como referência a cidade e o olhar de seus habitantes, a partir de oficinas realizadas com a população, tratada como interlocutora da universidade no processo de produção de conhecimento. Com isso, busca a democratização do processo de comunicação.

Autores

Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva - Diretora do Centro Cultural e profa. do depto. de História da UFMG

Mateus Guerra de Almeida - graduando do Curso de Belas Artes

Instituição

Universidade Federal de Minas Gerais

Palavras-chave: hipercentro; linguagem audiovisual; cultura urbana

Introdução e objetivo

O R.U.A – *Registro Urbano Audiovisual* – é um projeto de extensão do Centro Cultural UFMG que faz parte do *Laboratório de Imagem e Som* – programa que abriga o *Cineclube UFMG* e o *Concreto Sonoro*, programa de rádio sobre temas culturais e o R.U.A. O R.U.A é um projeto que visa a refletir sobre as formas de percepção e representação da cidade através da produção de imagens em vários formatos. Os trabalhos do R.U.A se iniciaram em fevereiro de 2003 com a participação de alunos bolsistas da graduação dos cursos Belas Artes e História. Após um ano, o resultado foi a produção de vídeos elaborados pelos alunos ou através de oficinas. Propomos pensar a cidade hoje como um fenômeno dinâmico no tempo e múltipla em seu espaço. As configurações do poder e as estratégias governamentais que vêm sendo desenvolvidas não conseguem impedir que os cidadãos façam uso político e recriem a cidade que tem sido vista como um espaço de segregação. Portanto, as respostas às inquietações que têm surgido nos tempos atuais devem ser construídas a partir da percepção de como os cidadãos atuam e se apropriam do ambiente urbano e como organizam suas experiências. Ao contrário de algumas visões de conjunto sobre o significado da vida na cidade, buscaremos a diversidade de manifestações que a cidade engendra, os vários tipos de cultura e a segregação intercultural, social e política.

Nesse sentido, nosso trabalho enfoca a diversidade e a criatividade político-cultural urbanas, que são as experiências coletivas que conformam a história das práticas sociais, os hábitos perceptivos e a disposição pragmático-imaginativa dos receptores. Diante do que tem sido chamado de *era da informação* e da disseminação de bens simbólicos transnacionais através do consumo dos produtos gerados pelos meios audiovisuais, os lugares emergem atualmente como o domínio de práticas político-culturais e de manifestações que transitam entre o local e o global, o nacional e o transnacional, as heranças fragmentadas das antigas

culturas populares e a onipresença da cultura de massa. Neste novo cenário, em que se destacam os processos globalizados de consumo no qual se reestruturam as antigas comunidades de pertencimento, os códigos que nos unificam ou que, pelo menos, permitem o reconhecimento das identidades individuais e coletivas, devem ser vistos como pactos móveis de leitura dos bens e das mensagens, situados no tecido polifônico das cidades. Escolhemos as ruas da região do hipercentro da cidade de Belo Horizonte como um lugar favorável à apreensão das diferentes maneiras pelas quais os habitantes da cidade se apropriam dos espaços de uso comum para fins diversos e consideramos que seu significado é dado pela multiplicidade de usos efetivos que dela se fazem.

Metodologia

Partimos da noção de que os espaços urbanos já se encontram tão distendidos e fragmentados que hoje seria impossível apreendê-los exclusivamente pelo contado direto. Não existe a possibilidade hoje da rua, como fora outrora, ser vista como o interior de uma casa, um local atrativo e aconchegante. Espaço privilegiado do encontro com o desconhecido, a rua se transformou numa artéria funcional — como inicialmente projetada — cujo papel não é promover a apropriação coletiva da cidade, mas facilitar o deslocamento cada vez mais rápido dos automóveis. Se, antes, ela agasalhava as festas urbanas, estimulava o contato entre estranhos, hoje, mais do que nunca, a rua desfavorece o surgimento do coletivo urbano, do cotidiano partilhado. Hoje a rua projeta a imagem de lugar da guerra e do medo. Hoje assistimos ao esvaziamento e desertificação de algumas áreas urbanas que estão se deteriorando (como as áreas centrais de algumas cidades) e ao que é denominado “falência do espaço público urbano” como um local privilegiado de sociabilidade. A idéia de insegurança como situação inalterável mostra ruas e centros urbanos como espaços desligados da vida social necessária à sua revitalização, como refúgio para camadas mais ou menos subterrâneas da cidade (os moradores de rua) que proliferam e fazem proliferar a vigilância forçada. Pensar a cidade a partir do espaço público nos permite acessá-la para além do mero plano urbanístico, onde as funções e os usos já seriam pré-determinados, e entendê-la enquanto um espaço que é constantemente alimentado com doses maciças de atividades - políticas, sociais, econômicas e culturais. Nesse caso a rua é tomada como um espaço de produção de “mensagens” que marcam muros, portões, caixas de força; e/ou como lugar instituidor de trajetos; e/ou, como um conjunto de regras que regem os habitantes da cidade. Assim, a rua se constitui em um veículo gerador de experiências interativas e de novas formas de sociabilidade. Aqui nos utilizamos das noções de “experiência” e de “comunicação” que possuem um sentido convergente: traduzem a idéia de transmissão e de partilha de uma mensagem.

Resultados e discussão

No caso das oficinas, a população foi considerada como interlocutora da academia no processo de produção de conhecimento. Nesse sentido, o projeto proporcionou o acesso às formas de produção audiovisual, seguindo os princípios de democratização da comunicação e de apropriação do conhecimento produzido na universidade pela sociedade. Com as oficinas, o projeto também buscou formar uma percepção crítica sobre a linguagem audiovisual, explorando todas as etapas do processo de produção e contribuindo para um maior domínio da realidade contemporânea, amplamente compreendida pela produção audiovisual, principalmente da grande mídia eletrônica. Os vídeos produzidos pelo R.U.A têm como objeto a cidade, sobre a qual o imaginário da pós-modernidade é construído em uma profusão de representações oriundas dos discursos sobrepostos sobre seus lugares, da memória coletiva, das identidades históricas construídas, da diversidade cultural e social, da materialidade significada na arquitetura e nas intervenções físicas no espaço urbano. Foram realizadas experimentações audiovisuais em diálogo com linguagens características da

contemporaneidade, como a internet e a edição ao vivo, típica da televisão. Utilizando as novas mídias, o projeto conciliou animações e grafismos produzidos a partir de recursos de informática com imagens geradas por câmeras digitais.

O R.U.A busca pesquisar e mesclar as linguagens do vídeo, do documentário, da televisão, da internet e da leitura da cidade, a exemplo do grafite, sinalização de trânsito, arquitetura e todos os signos que compõem a identidade do meio urbano. Essa hibridez é perfeitamente compreendida pela linguagem do audiovisual que permite conciliar textos, sons, imagens, grafismos em um único conceito. No caso do R.U.A, a pesquisa e elaboração conceitual e teórica se deu em interação com a produção. Os vídeos resultantes do trabalho interno do projeto passaram por uma discussão e definição dos temas que seriam abordados. O segundo passo era um roteiro de trabalho, elaborado com as possíveis fontes a serem entrevistadas ou pesquisadas. Em seguida, eram feitas entrevistas e capturadas as imagens. O discurso ganhava forma com a edição, preparada a partir do material disponível e considerando as possíveis intervenções gráficas - criadas e manipuladas com recursos de informática - e sonoras, como trilha e samplers. As oficinas seguiram o mesmo princípio do núcleo permanente: os vídeos foram pensados durante a produção, com as discussões conceituais exemplificadas pelo trabalho realizado. Apesar de amplamente difundida como fonte de informação, os produtos audiovisuais são pouco conhecidos no que concerne a suas possibilidades e formas de criação.

As vinhetas e vídeos institucionais foram elaborados em conjunto com os integrantes dos demais projetos. O conceito foi discutido considerando a estética do R.U.A, a identidade visual do Centro Cultural e as características do produto a ser divulgado. Através do trabalho elaborado no R.U.A, mostrou-se fecunda a interdisciplinaridade da história com as artes plásticas na criação audiovisual. Os produtos gerados refletiram, tanto estética quanto discursivamente, as questões conceituais relativas à percepção da cidade, sua significação historicamente construída, as leituras possíveis de sua realidade.

Foram produzidos pelo projeto RUA:

Vídeo *d.ver.cidade*

O *d.ver.cidade* foi o primeiro vídeo do R.U.A, finalizado em março de 2003. O vídeo foi produzido na ocasião do lançamento do *D-ver.Cidade Cultural: rede de agentes culturais juvenis*, que constitui o resultado e a continuação do projeto de *Formação de Agentes Culturais Juvenis*, realizado pela Faculdade de Educação em parceria com o Centro Cultural UFMG. O vídeo apresenta as possibilidades culturais da periferia de Belo Horizonte, através da perspectiva dos jovens integrantes do projeto e de membros das comunidades em que atuam como agentes culturais. O vídeo apresenta também o impacto do projeto na vida dos agentes e o potencial social de atividades culturais em comunidades de baixa renda. O *d.ver.cidade* possui cerca de dez minutos de duração. O vídeo já foi exibido para divulgar o projeto *Formação de Agentes Culturais Juvenis*, assim como em cursos e palestras para discutir o papel e potencial do jovem em comunidades de baixa renda.

Oficina Mostra Plural

Em parceria com a prefeitura de Belo Horizonte, o R.U.A ministrou uma oficina para estudantes e professores de escolas públicas da cidade com o objetivo de elaborar o vídeo institucional da 8ª Mostra Plural. A Mostra, realizada em outubro de 2003, é um evento anual que reúne cerca de 12 mil pessoas e 80 escolas municipais, que apresentam o trabalho realizado ao longo do ano durante um dia no Parque Municipal, no centro de Belo Horizonte. O vídeo institucional do evento, com duração de cerca de 8 minutos, foi produzido por sete alunos da oficina com a supervisão e edição dos integrantes do R.U.A.

Vídeo *Relé*

Em maio de 2003, o R.U.A elaborou *relé*, uma instalação de vídeo durante o 10º Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em

Planejamento Urbano e Regional. O conceito da instalação foi a tensão e as fronteiras entre o racional e o irracional, o previsível e o imprevisível, o que é planejado para a cidade e os infinitos possíveis da realidade urbana. Para refletir sobre as formas de perceber e atuar no meio urbano em *relé*, Belo Horizonte foi tomada como objeto do vídeo e de fotografias, assim como ponto de partida para as reflexões textuais acerca do planejamento urbano. 3. Série *mudo* - De agosto de 2003 a fevereiro de 2004, o R.U.A produziu o *mudo*: série de programas experimentais de TV, que trabalham sobre temáticas urbanas. O conceito do *mudo* envolve a idéia de oferecer um espaço de fala e manifestação para a população de Belo Horizonte.

Os programas, com duração de 3 minutos, exploram as imagens e ruídos da cidade, além de depoimentos. O *mudo* apresenta um formato que trabalha a linguagem do documentário associada à estética da internet. Além da veiculação na TV, as séries do *mudo* servirão de substrato para vídeo performance, no formato de *Live Images*. A primeira série do *mudo*, com 6 programas, tem como tema o hipercentro de Belo Horizonte. Os programas trabalham sobre elementos característicos dessa área: camelôs, táxis lotação, grupos de dança de rua, o lixo, os sons da cidade, os cinemas de rua que deixaram de existir. A segunda série do *mudo*, com 3 programas, é o resultado de oficinas ministradas pelo R.U.A a grupos de professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, integrantes do projeto Horizontes da Cidadania. Os programas têm a seleção de temas e direção dos professores com o apoio técnico da equipe do R.U.A. Tratam sobre: o idoso cidadão, a revitalização da Praça 7 de Setembro e a legalização da prostituição.

Oficina Experimental de Letramento Digital

A oficina de letramento digital que usa o vídeo como suporte foi ministrada nos dias 20 e 27 de agosto e 12 e 19 de novembro de 2003 para professores da Rede Municipal de Ensino pelos integrantes do R.U.A – Registro Urbano Audiovisual. O objetivo da oficina era explicitar aos professores as possíveis utilizações didáticas do vídeo, além de proporcionar uma visão crítica sobre a linguagem audiovisual, atualmente de extrema importância na transmissão de conhecimento com a televisão e o cinema. O trabalho apresentou o processo de produção em vídeo em todas as suas etapas, desde a escolha do tema a ser abordado até a finalização gráfica, passando pelo roteiro, filmagem e entrevistas, decupagem, montagem e edição. A oficina teve carga horária de 16 horas para cada uma das três turmas de professores, em três turnos: manhã, tarde e noite. O trabalho, essencialmente prático, resultou na produção de uma série do *mudo*. Foram debatidas, durante a produção, as questões teóricas e as possibilidades de construção de discurso utilizando os recursos audiovisuais, como textos, sons, imagens e efeitos gráficos. O cronograma da oficina foi dividido em quatro dias. No primeiro módulo foram feitas as apresentações pessoais e dos vídeos produzidos pelo R.U.A, incluindo um programa *mudo* que serviu de modelo para o trabalho. Foram discutidos os recursos e escolhas da linguagem do *mudo*, considerando as possibilidades audiovisuais. Em seguida, os professores participantes da oficina debateram e definiram os temas a serem abordados e foi elaborado um roteiro de questões que norteariam as entrevistas e a captação de imagens. Ainda no primeiro dia, foi feito um exercício de sensibilização com o equipamento de filmagem. No segundo dia, os participantes da oficina se dividiram em dois grupos: um se ocupou de fazer imagens relativas ao assunto e o outro se dedicou às entrevistas com pessoas do centro da cidade. Em seguida os professores iniciaram a decupagem das entrevistas – seleção dos trechos a serem disponibilizados para a montagem na ilha digital. No terceiro dia, finalizou-se a decupagem das entrevistas e imagens e iniciou-se a edição, sempre com os participantes da oficina dirigindo o processo e os integrantes do R.U.A manipulando a ilha de edição. A edição terminou no quarto dia, com a inserção dos efeitos gráficos, textos e imagens relacionadas às entrevistas.

O desenvolvimento e aproveitamento da oficina foram distintos nos três diferentes turnos. A turma da manhã foi participativa e atuou efetivamente na direção e produção do

programa que tem como tema os idosos. O cronograma proposto foi cumprido. No turno da tarde o interesse também foi grande e o cronograma foi igualmente cumprido, com a produção de um programa sobre a revitalização da praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte. No turno da noite, o trabalho foi mais lento devido à dificuldade em se definir um tema considerando as restrições para filmagem e entrevistas à noite no hipercentro de Belo Horizonte. No segundo dia definiu-se o como assunto a prostituição, o debate em torno de sua legalização e a moralidade envolvida. Foram tentadas entrevistas pelo telefone com as profissionais do sexo, mas não houve sucesso. No terceiro, dia decidiu-se entrevistar pessoas na rua e no próprio Centro Cultural UFMG sobre o assunto. Iniciou-se a decupagem, finalizada no quarto dia, quando também foi feita a grande maioria da edição. No entanto, o trabalho não terminou com a direção dos participantes da oficina. A deficiência apresentada na turma da noite deveu-se, principalmente, ao cansaço dos integrantes do R.U.A, após ministrarem os dois primeiros turnos e dos professores participantes, depois de um dia de trabalho.

Conclusões

A abordagem deste projeto conduz a um encontro de especial subjetividade com a cidade, onde podemos olhá-la como cidade vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e com suas relações de uso não só a percorrem como também interverem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os.

Neste trabalho levamos em conta os modos sociais de produção de sentidos próprios da cidade. Neste projeto tomamos a rua como espaço privilegiado de resgate da experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento do semelhante, a multiplicidade de usos e olhares. Este é o espaço que se opõe àquele do domínio privado da casa. Não se trata aqui da rua espaço destinado ao fluxo, mas a rua que se transforma em moradia, em itinerário de posição, em local de protesto, passeata e fruição em dia de festa. É a rua vitrine, palco, lugar de trabalho e ponto de encontro. Não se trata da rua em sua materialidade, mas sim da experiência da rua, da rua viva em sua experiência. Nas ruas ocorrem inúmeros eventos. Nesse trabalho, alguns desses eventos são apresentados a partir da indicação de seus possíveis encadeamentos e relações, referenciando-os no tempo e no espaço. Tudo o que acontece nas ruas é imediatamente compreensível, ainda que nem sempre se apresente em uma sequência de fatos lineares e transparentes. Muito do que se passa na rua foge à familiaridade. A rua se torna com frequência o lugar da novidade, do inesperado. Para isso, contribui o fato de ser a rua o lugar por excelência do outro. Estamos falando aqui do estranho — o outro na sua forma mais radical — e também do outro concebido como aquele com quem mantemos relações sociais. A rua é o lugar onde se dá o social também como espetáculo. Um espetáculo que permite assumir certas identidades, desempenhar determinados papéis e, até certo ponto, escolher os enredos dos quais se participa. É o palco por excelência do social. Os diferentes contextos (calçadas, esquinas, janelas, muros, etc.) podem ser recortados como palcos ou platéias. Quer dizer, o que se vê e de onde se vê.

Temos assim uma interação entre a topologia do espaço, os trajetos desenhados pelo percurso dos usuários da cidade e os signos que vão sendo inscritos nos suportes urbanos. Pensamos assim em uma escrita da cidade enquanto um conjunto de textos que atuam na vida dos cidadãos.

E, finalmente, na constituição de um “diálogo público” onde o espaço físico é preenchido por um vocabulário que se declina a partir de diferentes ‘lugares’ e de variadas práticas. Como essas práticas são relacionais, pois se desenvolvem sob um espaço comum, sua interpretação depende do contexto no qual se inscrevem. Igualmente, elas são orientadas

segundo a localização; todavia, ao mesmo tempo em que esses lugares modificam o sentido das práticas, eles são simultaneamente transformados por ela. Assim, a rua pode ser vista como lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. Algumas dessas ruas se constituem em espaços públicos que congregam toda a carga simbólica da imagem de uma cidade e de suas formas de sociabilidade.

Referências bibliográficas

- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CARR, Stephen et alii. *Public Space*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- CERTEAU, Michael. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GUATTARI, Félix. *Caosmos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- JACOBS, Jane. *Vida e morte das grandes cidades americanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Francis. Consensus et conflit: une réévaluation. In: PARRET, Herman. (Org.). *La communauté en paroles: communication, consensus, rupture*. Liège: Mardaga, 1991.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. In: www.aguaforte.com.br. (23/03/2000)
- ORLANDI, Eni P. (org). *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: 2001.
- RODRIGUES, Adriano. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença, 1994
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. Das modas ao modo: trajetórias da geografia humana. *Revista Sexta-feira* nº 3, out. 98.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- SENNET, Richard. *La ville à vue d'oeil*. Paris: Plon, 1992.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.